



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Taubá - Lisboa • Telefone: 1

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

UM ESCANDALO COLOSSAL

Podridão! Podridão! Podridão!

A imprensa burguesa põe a sua grande venalidade a descoberto

Uma dura lição de que o povo deve tirar os devidos ensinamentos

A moralidade da imprensa burguesa é de todos conhecida. Há redações que não passam de sucursais do Limoeiro e há empresas jornalísticas que, sem querer de dignidade, podem acamaradas com *rufias* de navalha de palmo e meio e provocantes melenas. Desconhecem o que é vergonha e dignidade, o que, aliás, não obste a que disso falem continuamente, bradando a todo o mundo que são muito dignos e que não lhes entra nos bôbos uma cédula de cinco centavos que não tenha sido adquirida por um trabalho probro. Em regra, o jornal burgues vende-se, defende em calorosos artigos os interesses de quem lhe dá mais. O seu patriotismo, o seu acrissolado amor ao povo, não passam de lugares comuns com que lúdibria os incutem, que, infelizmente, não são em pequeno número. Por várias vezes, julgando que somos feitos da mesma massa, que conseguem quebrar a nossa linha de conduta com um masso de sedutoras notas do Banco, temos os corvos rondando em volta de nós com uma insistência notável, desafiando-nos a comparticipar nas negociações mais tortas. Fizeram isso quando foi a questão dos eléctricos, e só *A Batalha* é que denunciou, perante a opinião pública, as manobras do sindicato inglês. Enquanto nós fazímos isso, a maior parte da imprensa publicava longos comunicados pagos por bom dinheiro. Hoje, esses jornais disruptam uma situação económica desafogada, ao passo que *A Batalha* tropica, a cada passo, com dificuldades que seriam irremovíveis, se não tivessemos a nosso lado a classe operária.

Depois disso, tem surgido outras negociações. Houve jornais que defendiam com entusiasmo, *o nome dos grandes interesses da Pátria e da República*, a entrega dos barcos ex-alemanhas a uma empresa particular. Admirável desinteresse! Tudo aquilo não passava dum campanha sustentada pelo ouro da alta banca de Lisboa. E foi ainda *A Batalha*, jornal dos sindicatos operários, feito por operários, quem a público trouxe o escândalo, acusando altivamente a maior parte dos jornais de estarem envolvidos no caso — e *nem um dos periódicos ainda teve coragem para desmentir as nossas acusações!* Mas a despeito de já os termos desmascarado por mais dum vez, eles continuam impudicamente aprofundando a moralidade, a pacificação, a renúncia dos ricos a favor dos pobres, lisonjeando assim a opinião pública, captando-a, pretendendo ganhar-lhe a confiança, para poderem à vontade forjar quanta negociação entendam.

De há muito que sabímos que determinadas campanhas jornalísticas encobriam casos escuros. O jôgo e a sua regulamentação, a compra dos navios, o caso da carris, a questão das quedas da água, etc., etc., apresentadas como para satisfazer um anseio de amor-pátria, eram uma manobra de banqueiros. Dinheiro e muito dinheiro o dínero, conquistando tudo, assaltando consciências, vencendo todas as resistências. Toda a imprensa se lançou na caça ao comunicado e nôs ainda há pouco vimos os jornais encheram colunas com a defesa dum assombrador, confessou, quando das apreensões à Companhia da Ganda de generosos improprios para o consumo, e assim se explica que a respeitante imprensa possa publicar-se com muitas páginas, com um luxo extraordinário de informação, a despeito do excessivo encarecimento do papel.

O segredo é, porém, a alma do negócio. E não se podia levantar levianamente uma campanha, sem que na secretaria fivessem um bem fornecido dossier, com que alicerçassemos as nossas acusações. Não estamos habituados a fazer afirmações gratuitas — por isso nos conservámos silenciosos.

Mas isto ainda não é tudo. Os vizinhos conhecem-se uns aos outros, sabem perfeitamente as negociações em que estão envolvidos. Nessa carta lese — ainda mais esta interessantíssima revelação, quando a Sociedade Estoril se lamenta por o *Século* não ter publicado duas cartas que para lá enviou:

“Publicou finalmente, hoje, o seu jornal artigo que o seu administrador não vinha sendo anunciar, com a sua habitual maneira de se chamar que tem ex. ex. deu-me a parte que tem feito junto de nós para impor um negócio de terrenos em que nos recusámos a entrar com o seu genro sr. Ruggeroni, e para conseguirem que lhe paguem, a razão de esc. 3.000/000 cada um a projeto do turismo.

“Mas isto ainda não é tudo. O que é que sabímos que determinadas campanhas jornalísticas encobriam casos escuros. O jôgo e a sua regulamentação, a compra dos navios, o caso da carris, a questão das quedas da água, etc., etc., apresentadas como para satisfazer um anseio de amor-pátria, eram uma manobra de banqueiros. Dinheiro e muito dinheiro o dínero, conquistando tudo, assaltando consciências, vencendo todas as resistências. Toda a imprensa se lançou na caça ao comunicado e nôs ainda há pouco vimos os jornais encheram colunas com a defesa dum assombrador, confessou, quando das apreensões à Companhia da Ganda de generosos improprios para o consumo, e assim se explica que a respeitante imprensa possa publicar-se com muitas páginas, com um luxo extraordinário de informação, a despeito do excessivo encarecimento do papel.

O segredo é, porém, a alma do negócio. E não se podia levantar levianamente uma campanha, sem que na secretaria fivessem um bem fornecido dossier, com que alicerçassemos as nossas acusações. Não estamos habituados a fazer afirmações gratuitas — por isso nos conservámos silenciosos.

**

O abismo chama o abismo; o dínero chama mais dínero. Por entre os dedos dos grandes banqueiros, dos senhores da Bôsa de Lisboa e do estômagos do povo de Portugal, escorregava muito dinheiro para os jornais. Mas quanto mais dínero elas recebiam, mais queriam. São verdadeiramente insaciáveis. E assim, como lhe não chegassem à conta, um deles berrou, fez zangaria. Zangaram-se as comadres... e souberam-se, as verdadeiras. O jornal que deu cabo da admirável fraternidade que reinava entre a imprensa, foi *O Século*. Veio cá para fora dizer o que se trazava no pátio das osgas da imprensa portuguesa, e como não podia dizer claramente que adoptava essa atitude porque não lhe davam o dinheiro que entendia, gritou com energia que o seu procedimento era provocado pelos pruridos de consciência do seu dono. Mas o caso é que se ficaram sabendo coisas muito interessantes e entre elas que o capitalista Fausto de Figueiredo, acolitado por outros dois magnates da finança, comprou alguns jornais. Era o que se depreendia do enorme artigo que *O Século* de anteontem dava à estampa e de que nôs aqui transcrevemos um trecho, como vamos transcrever as revelações que as outras comadres, despeitadas, ontêm fizeram:

“E que dizem a isto? Que dizem à filantropia do *Século* com a sua sopa dos pobres? Como os capitalistas se sacrificam abnegadamente para encher o estômago do pobre povo! E o jôgo? *O Século*, que agora tanto ataca o jôgo, recebeu durante muito tempo dinheiro dos batoteiros para se calar — disse-nos comunicado. E isto é espantoso, colosal, único! Mas que desvergonhados! São tam nojentos! O engraxado

que Fausto de Figueiredo e acólitos querem fazer de honrados, quando desejam se de que qualidade é a sua honradez.

Vamos terminar com mais um trecho disso da chusma de comunicados que ontêm inundado de ouro as redações da maior parte dos jornais. E' tirado dum carta de Fausto de Figueiredo a Silva Graça, onde ele fala altivamente, dizendo-se pessoa decente, homem de vontade.

“... Graça concordou. E tam sopa era a regra, audacioso. Não tem pruridos de consciência, não tem caráter, nem tem nada de sô, motivo porque não se prende com reflexos serenas, não contemporânea consigo próprio. Há muito tempo que assim pensamos, razão porque não nos admirámos ao ler ontêm o seguinte repto no ex-ineptor *Diário de Notícias*:

Os nossos leitores devem ter ficado elucidados acerca da moralidade da imprensa burguesa. Acabamos de apresentar acusações que se trocam dum e doutro lado. Neste caso não devemos ver quem tem razão, porque nem Silva Graça nem Fausto de Figueiredo a tem. Eles não passam de capitaneadores de dois grupos de exploradores que tem arrastado o país a uma situação desgraçada. Um, senhor absoluto dum importante jornal, provoca a opinião pública a seguir por caminhos diametralmente opostos áqueles que devia trilhar, vendo o seu jornal a quem mais ida, se um assassino tiver muito dinheiro nele entrará um defensor estremo. O outro, um dos grandes potentados da alta finança, a todo o custo pretende a regulamentação do jôgo, para a vontade de depurar os patos que caiam nas valangas douradas que está construindo a.

Pois, como fomos dizendo, o sr. Fausto de Figueiredo e os seus acólitos responderam ontêm ao sangrento ataque de *O Século*. E que deliciosas cousas disseram! Como é agradável ver a imprensa burguesa pondo a descoberto a sua venalidade! E', na realidade, um espetáculo que vale um dinheirinho!

Antes da zanga, os mariolões entram-se admiravelmente. Eram muito amigos e nunca tinham discussões. Aquilo marchava á mil maravilhas. Assim, ontem, vinha no comunicado da Companhia Industrial de Portugal é Colónias, a seguinte carta, que o filho de Silva Graça dirigiu anteontem a um dos diretores daquela quadrilha de larípios... dentro da lei, a fim de intimidar e lhe surpreender umas massas que o outro, por modos tem pavilhado ao povo, envenenando-o com o gênero e os primeiros de primeira necessidade — podres:

“Meu ex.º amigo: — Amanhã irei ao lugar costume e à mesma hora procurá-lo. Se não lhe convier pêgo-lhe que *ali deixa dito* onde e quando o poderá encontrar.

A coisa não é bem de bom. Deve-se dar amaro o que lhe indique. Creio que seu muito amaro e obrigado (a) J. Silva Graça.

A forma velada como está feita a carta, revela bem do que se tratava. Ali andava dinheiro, muito dinheiro, devendo se tratar de qualquer série de artigos onde com energia se defendiam... os interesses do povo. Mas isto não é tudo. A Sociedade Estoril é para dizer atraída por um grande potencial de lucro, que autoridades toleraram, porque tem muito dinheiro, também apareceu na liça com a sua contestação. Mas que miséria! Nessa contestação, ao passo que pôem a deserto o poderes do adversário, mostram também os seus sens! E que pena fazer este belo pão coberto dum inimigo que é a máscara. E' uma lição eloquente. Poem, sinceramente rezeamos, que a olvide, como tem olvidado outras lições não menos trepidantes.

No decorrer da polémica entre os acusados e acusadores, ve-se que previamente se haviam realizado entrevistas quase amigáveis; que houve propostas de negociações entre os adversários de hoje e que o rompimento de hostilidades se não daria se o egoísmo levava ao excesso os não tivesse impedido de se entenderem. Quanto nos comprazemos a dizer que a sua régua é que a máscara é que o não bate certo é que, hostilizando rudemente a classe ferroviária, os parlamentares populares sejam dentro do teatro de S. Bentos os maiores protectores da oficialidade, impedindo os outros partidos a acederem a todas as exigências que formulam os profissionais do militarismo.

Nós e o "kolossal"

Pois ontêm, ao pegarmos no *Século*, ficámos devorados admirados por seu editorial intitulado *A Falperra de barrete frígio*, epígrafe dum suelto que anteontem publicámos. Lemos, verificando que *O Século* confessava que o título era nosso, transcrevendo o referido suelto e bordando em torno dele largas considerações. Ficámos encantados, pois tratava-se dum ataque a um poderoso monopólio, mas esteja certo que o *Século* que a nossa satisfação ainda seria maior se vissemos reproduzido nas suas colunas o que a seu respeito dissemos ontem e dizemos hoje... Que diabo! Sempre ficavam edificados os seus numerosos leitores e um jornal bem informado precisa de ser completo em tudo!

Univerário de "A Batalha"

Um grupo de amigos de *A Batalha*, por motivo da passagem do primeiro aniversário deste jornal, que passa na segunda-feira, oferece um almoço aos camaradas que aqui trabalham, almoço que devia efectuar-se segunda-feira, mas que se realizou amanhã, às 13 horas, no conhecido restaurante Á Bacalhau, em Benfica. A inscrição continua aberta neste jornal até hoje à noite.

E assim, fazemos votos para que continuem a usar da palavra...

Reclamações corporativas

Sindicato Único Metalúrgico

Realizou-se anteontem, a convite do Conselho Técnico e de Melhoramentos, no sede deste sindicato, uma reunião das comissões de melhoramentos das oficinas metalúrgicas, para apreciar a tabela de salários a ser enviada aos industriais de Lisboa, e de toda a área abrangida por este sindicato. Ficou resolvido, entre outros assuntos, realizar uma sessão magna da classe na próxima terça-feira, pelas 20 horas, na Caixa Económica Operária para sancionar estas reclamações.

Não as publicou porque nôs achámos

ao abuso de confiança que v. ex.º praticava aplicando o dinheiro da "Sopa dos Pobres" ao pagamento das despesas com a transformação do edifício de *O Século* num fortalecer que o despedisse de Lisboa, e ex.º a "classificação de cada tamancada de todas as demagogias, abuso de confiança que as nossas cartas o obrigaram a remendar, fazendo-o entrar na Caixa com o direito a que dera aplicação direta.

E assim, fazemos votos para que continuem a usar da palavra...

Enver-Pachá declara:

O mundo está em vésperas que a história conta

BASILEIA, 20.—A "Deutsche Welt"

transfere o seu quartel-general de Azerbeijan para Kourdistão. Parece que está a

fronte de 70.000 homens, que em contacto com o exército vermelho e os assaltos sublevados, actuam contra a Inglaterra. Enver-Pachá declarou que o mundo está em vésperas da maior sublevação que a história conta. — Rádio.

A crise que atravessa

PARIS, 19.—A repartição nacional

da imprensa resolveu fornecer papel

até ao dia 31 de maio, e entregar em

seguida a sua missão a um consórcio,

e pedir ao governo a votação dos pro-

jetos que fixam os 200 centavos o pre-

ço mínimo da venda dos jornais e que

estabelecem o descanso dominical para a im-

prensa. — Rádio.

Metalúrgicos reclamam aumento de salário

CASCAIS, 20.—C.

— Na reunião da

associação do Sindicato Único Metalúrgico,

foi resolvido pedir aos industriais um

aumento de 100 0/0 para os soldadores,

ou seja 5.800 nas 8 horas de trabalho.

Para os trabalhadores das fábricas

100 0/0 sobre o seu salário actual e para

as mulheres, \$30, por cada hora de tra-

balho. Nesta data foi, esta resolução

participada aos mesmos industriais.

— Rádio.

Trabalhadores: Lede e propaga a BATALHA

Na Universidade Popular Portuguesa, rua

Particular, a rua Almeida e Sousa (a Es-

cola realizou-se hoje, pelas 10 horas, a 2.º

conferência pública sobre "Educando Fer-

vocia", pela parte de Pedro José da Cunha, reitor

da Universidade de Lisboa.

NOTAS & COMENTARIOS

A situação de A BATALHA

Muito serenamente temos avisado a organização operária de que é gravíssima a situação financeira de *A Batalha*, deixando ao seu cuidado avaliar das consequências desfavoráveis que resultaria da sua suspensão. Não foram baladas as nossas palavras; os sindicatos operários começaram movimentando-se e estamos certos que se apressarão a tomar resoluções que garantam uma vida desafogada ao porta-voz do operário organizado de Portugal. Assim, já hoje temos a registar duas importantes deliberações Sindicato Único Metalúrgico e da Associação de Classe dos Compositores Tipográficos, indo o primeiro adquirir 1

